

tiga. Com efeito, a complexidade da sua linguagem e a profundidade do seu pensamento, aliadas à abundante bibliografia que o estuda e à amplitude temática das suas obras fazem dele um autor apetecível mas distante. Bastará recordar, para aludirmos só ao último aspecto mencionado, que há nas obras de Máximo conteúdos consistentes para estudar nele, entre outros temas, Deus, a cosmologia, a antropologia, a cristologia, a soteriologia, a pneumatologia, a escatologia, a eclesiologia, a doutrina espiritual.

Estes dados vêm sublinhar a importância da obra que agora apresentamos. Estamos diante de um trabalho estruturado de um modo claro e pensado com rigor, que, não obstante enquadrar-se numa colecção de «Iniciação aos Padres da Igreja», supera esses limites. Poderíamos dizer, para simplificar, que o autor apresenta, *em grande*, o esquema típico do estudo dos autores nos compêndios clássicos de Patrologia.

Fundamentado numa extensa e actualizada bibliografia, que oferece e utiliza, apresenta o ponto da situação da investigação sobre a vida de Máximo. Apresenta, depois, cada uma das suas obras, em que inclui também a indicação das edições, traduções modernas e estudos. Oferece, a seguir, em capítulo autónomo, a abordagem sistemática das principais dimensões do seu pensamento. Antes da bibliografia final, a que já aludimos, inclui ainda a tradução francesa de dois textos de Máximo.

Trata-se, em suma, de uma obra de consulta obrigatória para qualquer estudo sobre este Padre da Igreja.

PIO G. ALVES DE SOUSA

VENDRAME, Calisto, **Los enfermos en la Biblia**, col. «Salud y Vida» 3, San Pablo, Madrid, 2002, 240 p., 210 x 135, ISBN 84-285-2404-1.

Esta é a versão em castelhano, do original italiano *La cura dei malati nel Nuovo Testamento* (Edizioni Camiliane, Torino 2001). Brasileiro, ex-Superior Geral dos Religiosos de S. Camilo, licenciado em Sagrada Escritura e ao mesmo tempo familiarizado com a pastoral dos doentes, o Autor deste texto não podia deixar de ser particularmente sensível à condição sofredora dos mesmos doentes e ao lugar que eles ocupam nos cuidados de Deus, especialmente manifestados na compaixão de Jesus Cristo para com tantos que lhe vinham ao encontro nos caminhos da Palestina. Com razão o apresentador do livro coloca a interrogação: «Que fica dos evangelhos, se lhes tirarmos os enfermos?»

O propósito do autor é o de, no que se refere aos milagres operados por Jesus, «dissipar tanto as posturas de desconfiança racionalista como as de um fundamentalismo fideísta» (p. 6). Interprete avisado do horizonte de compreensão actual, em que o racionalismo de muitos, face aos relatos bíblicos, infelizmente não encontra, muitas vezes, por parte de pastores e pregadores, uma preparação e uma postura adequadas – e em que curandeiros de várias ordens operam, mesmo diante das câmaras televisivas, acções extraordinárias de domínio sobre a natureza humana, aparentemente elas mesmas milagrosas –, «ao analisar as acções prodigiosas, a pergunta que se põe é se os milagres que Jesus realiza contradizem as leis naturais ou se não representam, antes, a capacidade de despertar e trazer à luz as

energias curativas existentes na pessoa que nele pôs a sua confiança.» A essa luz, os milagres, mais que acções destinadas a causar assombro, antes representam acções de cura do espírito humano, libertando-o da ignorância e de preconceitos atávicos, de crenças populares escravizantes e do próprio pecado, por acréscimo, já que a meta de Jesus é a plenitude da salvação e não a mera consecução do bem-estar material ou espiritual das pessoas.

Para conseguir os seus objectivos de intérprete responsável, o Autor analisa pormenorizadamente as intenções do evangelista, os critérios de historicidade e a estrutura da narração, o contexto histórico e cultural e o método de cura utilizado. Obviamente, não estuda todos e cada um dos milagres curativos de Jesus, mas detém-se em alguns mais paradigmáticos, a partir de cuja compreensão facilmente se pode fazer aplicação aos demais.

Este é sem dúvida um livro a ler atentamente, não só pelos estudiosos da Bíblia, mas por pastores e pregadores que, infelizmente, tantas vezes se mostram pouco à altura das exigências do contexto cultural do nosso tempo, mais contribuindo, por vezes, para o descrédito que para a credibilidade do evangelho cristão.

JORGE COUTINHO

ALVES, Manuel Isidro, **Ressurreição e Fé Pascal**, Ed. Didaskalia, Lisboa, 1991. 286 p., 245 x 165.

Editado já há doze anos, por razões várias nunca se fez a apreciação deste livro nas páginas da *Theologica*. Agora que o seu autor faleceu e pretendendo

este ser um número dedicado a tão insigne biblista, pareceu-nos oportuno fazer uma apresentação breve e emitir um juízo de valor sumário sobre a obra em questão.

Estamos perante um estudo exegético de referência sobre a Ressurreição e a Fé Pascal, o que não é de admirar se se conheceu verdadeiramente o seu autor.

Trata-se, em primeiro lugar, de um estudo a partir dos textos neo-testamentários sobre a Páscoa de Jesus Cristo, lidos no original, o que lhe confere, à partida, um valor e credibilidade significativos.

A análise dos textos é feita de forma rigorosa e minuciosa, não partindo nunca de ideias feitas ou pré-concebidas. Era, aliás, a forma louvável de procedimento do Prof. Doutor Isidro Alves.

Caracterizam-na a seriedade e a amplitude. Se a primeira apenas pode ser confirmada pela leitura e análise detalhada da obra, a segunda deduz-se do índice das temáticas aí tratadas:

- I. Antecedentes bíblicos e judaicos
- II. O acontecimento pascal nos enunciados de fé
- III. Hinos cristológicos
- IV. Descoberta do túmulo vazio
- V. Cristofanias pascais

Como refere o seu autor, «o interesse do assunto não se circunscreve às escolas teológicas e camadas intelectuais. A própria actividade pastoral sente-se confrontada com a necessidade de uma reflexão profunda sobre a linguagem e o conteúdo do mistério central da fé. E é bem compreensível. Efectivamente, a sociedade em que vivemos deixou de ser o suporte da fé tradicional. Os cristãos não se conten-